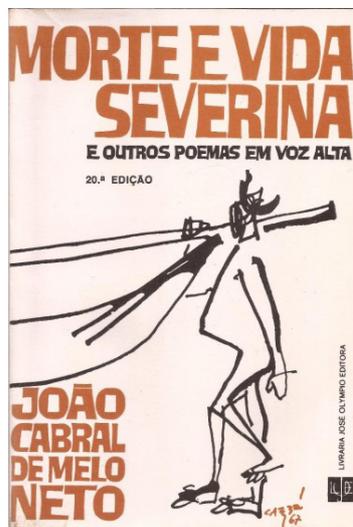


**Vida e Morte Severina**

João Cabral de Melo Neto



**A geração de 45**

João Cabral de Melo Neto fez parte da geração de 45, a terceira fase modernista. Nessa geração, principalmente na poesia, é difícil encaixar os autores dentro de correntes literárias. Em um amplo espectro, é possível dizer que a poesia deixou de ser tão intimista passando para um maior formalismo.

A poesia de João Cabral é exemplar nesse aspecto. Engenheiro de formação, o poeta encaixa palavras como um construtor assenta tijolos. A sintaxe seca e os versos curtos são emblemáticos nos poemas de João Cabral.

Se na poesia os temas são variados, na prosa parecem coexistir duas vertentes: uma intimista voltada para o fluxo de consciência, tendo Clarice Lispector como maior representante; e outra que aprofunda as questões da prosa regionalista dos anos 30, tendo Guimarães Rosa como seu maior expoente.

O fim da ditadura de Getúlio Vargas promoveu uma abertura social. A geração de 45 é também engajada nos temas sociais e com grande envolvimento na política.

**Apresentação e forma.**

*Vida e morte severina* é um poema trágico que nos apresenta um *auto de natal pernambucano*. O herói Severino é um retirante que foge da seca e da fome, porém, só encontra a morte em sua fuga. Até que ele presencia o nascimento de um filho de retirantes, severinos iguais a ele. O nascimento é apresentado em forma de presépio, com a chegada das pessoas para presentear o recém-nascido.

Um auto é subgênero da literatura dramática, que surgiu na Espanha medieval e, em língua portuguesa, teve seu maior expoente em Gil Vicente. Em *Vida e morte severina* observamos os mesmos recursos usados nos autos medievais.

A obra está dividida em 18 partes. Antes de cada parte existe uma pequena apresentação do que acontecerá. O mesmo podemos encontrar nos autos medievais. O poema começa com a apresentação de Severino.

**O Retirante explica ao leitor quem é e a que vai**

— O meu nome é Severino,  
como não tenho outro de pia.  
Como há muitos Severinos,  
que é santo de romaria,  
deram então de me chamar  
Severino de Maria;  
(...)

Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra

Severino se apresenta como um em muitos (“iguais em tudo na vida”). A sua individualidade é anulada e o seu nome se torna um adjetivo já no título da obra. À moda dos autos medievais, o personagem se torna uma alegoria, uma representação de algo que é muito maior que ele.

Os versos do poema são curtos e muito sonoros. A maioria conta com sete sílabas poéticas, também conhecido como redondilha menor, outra característica dos autos. A constante repetição de versos é uma ferramenta muito usada por João Cabral. Além de servir como reforço semântico para o tema, promove a homofonia e a repetição de sons, que dão uma maior musicalidade aos versos.

— A quem estais carregando,  
irmãos das almas,  
embrulhado nessa rede?  
dizei que eu saiba.  
— A um defunto de nada,  
irmão das almas,

A sonoridade do poema é um elemento muito importante nesta obra. A sua leitura se torna quase cantada, uma ferramenta comum quando a escrita não era difundida. A sonoridade servia como um modo de facilitar a memorização da poesia. Esse formato também lembra as poesias de cordel. Sabe-se que João Cabral de Melo Neto costumava ler em voz alta para os funcionários da fazenda alguns cordéis.

**Espaço e temática**

O espaço e o tema estão intimamente ligados nesse poema. A obra aborda a viagem de um retirante do interior do Pernambuco até o Recife, onde ele se depara constantemente com a morte. O fio condutor do percurso é o rio Capiberibe, que deve ser o percurso certo do interior ao litoral.

Pensei que seguindo o rio  
eu jamais me perderia:  
ele é o caminho mais certo,  
de todos o melhor guia.

Ao longo da jornada Severino encontra diversas vezes com a morte. Morte por fome, por emboscada, ou por velhice antes do trinta. O sertão é o espaço e a morte é o tema, os dois andam juntos ao longo do rio. Até o próprio rio também morre.

Mas como segui-lo agora  
que interrompeu a descida?  
Vejo que o Capibaribe,  
como os rios lá de cima,  
é tão pobre que nem sempre  
pode cumprir sua sina

O percurso do rio pode ser comparado ao percurso da vida no sertão, que de tão frágil muitas vezes se interrompe. Severino se depara com a morte muitas vezes. Da primeira vez o defunto é carregado numa rede por outros homens. O falecido morreu de morte matada, em uma emboscada por alguém que queria ficar com suas terras.

Depois, Severino se depara com um defunto sendo velado em uma pequena residência. Seguindo viagem, ao tentar conseguir trabalho em uma pequena vila, a morte aparece novamente, mas como única fonte de renda para quem quer viver lá.

Mais perto do litoral, Severino se espanta com a terra mais macia e cheia de cana, e acha que lá é um bom lugar para trabalhar. Porém, assiste ao funeral de um lavrador.

— Desde que estou retirando  
só a morte vejo ativa,  
só a morte deparei  
e às vezes até festiva;  
só a morte tem encontrado  
quem pensava encontrar vida,

### Interpretação

Nesta obra, João Cabral de Melo Neto apresenta o percurso de morte e vida do retirante Severino. Severino é um entre muitos outros, que tem o mesmo nome, a mesma cabeça grande e o mesmo destino trágico do sertão: morrer de emboscada antes dos vinte anos, de velhice antes dos trinta, e de fome um pouco a cada dia.

A alegoria Severino percorre o sertão em busca de uma expectativa de vida maior no litoral. O poema pode ser dividido em duas partes. A primeira com o seu caminho até o Recife, e a segunda é sua chegada e estadia na capital pernambucana.

### Percurso

A primeira parte é marcada pela presença constante da morte, no meio da paisagem agreste e do chão duro de pedra. A morte também é dura, e sempre tem relação com a pobreza e com o trabalho. Ou é morte matada em emboscada, por conta da dura terra trabalhada, ou é morte miserável, na qual não sobra nenhum pertence.

\_ Dize que leva somente  
coisas de não:  
fome, sede, privação

Num lugar em que o trabalho leva à morte, a morte é o trabalho mais certo. No meio da miséria do sertão, Severino encontra uma senhora em uma casa mais arrumada e resolve perguntar por trabalho, mas não há trabalho para quem mexe com as coisas da terra.

\_ Como aqui a morte é tanta,  
só é possível trabalhar  
nessas profissões que fazem  
da morte ofício ou bazar.

Conforme Severino se aproxima do litoral, a terra começa a ficar mais mole, mas a morte não abrandando. O solo se torna mais fértil e o canavial é grande, mas, mesmo em meio à abundância, a paisagem é vazia de pessoas. O retirante acredita que o motivo para o lugar estar tão vazio é que a terra é tão rica que não é preciso trabalhar todo dia. Ele crê ter chegado em um lugar onde a morte abrandando e a vida não é severina.

Decerto a gente daqui  
jamais envelhece aos trinta  
nem sabe da morte em vida,  
vida em morte, severina;  
e aquele cemitério ali,  
branco na verde colina  
decerto pouco funciona  
e poucas covas aninha

O que se segue é a narração do funeral de um trabalhador. Severino estava enganado pois o pequeno cemitério recebe muitos mortos. Ele só é pequeno porque as covas são rasa e estreitas. Severino escuta o que os trabalhadores dizem ao morto.

\_ Essa cova em que estás,  
com palmo medida,  
é a conta menor  
que tiraste em vida.  
(...)

\_ Não é cova grande,  
é cova medida,  
é a terra que querias  
ver dividida.

O caráter social e político no trecho do poema é marcante. O funeral de um lavrador é um enterro de quem trabalhou a vida toda em terra alheia. Vivendo na miséria e sendo explorado. O trabalhador, que só queria um pedaço de terra seu para trabalhar, acaba morto. A única terra que ele tem é a pouca terra da sua cova.

### Recife

A chegada à capital do Pernambuco continua sendo marcada pela morte e pela miséria, mas o cenário é totalmente novo. Ao invés das terras secas de pedra, o lugar da pobreza e, conseqüentemente, da morte, é o mangue. As terras alagadas que são habitadas pelos retirantes.

Fugindo da seca, da morte e da terra de pedra, os diversos Severinos chegam à Recife onde continuam marginalizados. Destinados a viver na miséria, ainda cercados pela morte, mas em solos diferentes, cheios de água.

Os retirantes continuam a viver da terra, mas, em vez de ficarem cobertos de poeira de arar a terra seca, ficam cobertos de lama de caçar caranguejos no mangue. Diante do cenário sórdido, o suicídio parece uma boa opção, interromper a vida que também é morte severina.

A solução é apressar  
a morte a que se decida  
e pedir a este rio,  
que vem também lá de cima,  
que me faça aquele enterro  
que o coveiro descrevia:  
caixão macio de lama,  
mortalha macia e líquida

Neste momento o percurso e a narrativa parecem ter chegado ao fim. Severino percorreu o sertão onde só encontrou morte. Ao chegar no final do rosário, de sua penitência, esperava encontrar redenção, porém voltou a encontrar a morte.

No momento em que Severino está num cais pensando em tirar a própria vida, ele encontra José, um morador do mangue. O que se passa é um diálogo sobre a vida miserável que se vive no sertão e nos mangues de Recife, sobre a morte que, por mais que seja anunciada, parece ser adiada para se viver mais dias de sofrimento.

A conversa é interrompida pelo anúncio do nascimento do filho de José, que é um momento de epifania no poema. O subtítulo do poema *Auto de Natal* e o nome do pai José são uma clara referência ao nascimento de Jesus.

Primeiro chegam os vizinhos e duas ciganas. As pessoas trazem presentes para o menino, assim como os três reis mágicos, porém os presentes são simples, são presentes de pessoas pobres. São dezesseis presentes, quase todos precedidos pela frase: *Minha pobreza é tal*.

Após a entrega dos presentes, as duas ciganas adivinham o futuro do menino. A primeira cigana traz uma previsão do trabalho do mangue, o mesmo trabalho duro em meio à lama. A segunda faz uma outra previsão, a do trabalhador industrial, coberto de graxa preta e não de lama.

As duas previsões são prenúncios de um simples trabalhador, seja na miséria do mangue, seja numa fábrica menos miserável, mas do mesmo modo um trabalhador. Em seguida, os vizinhos descrevem o recém-nascido, uma criança pequena, ainda fraca, mas saudável, filho de homem e do ventre de uma mulher.

Severino e José retomam o diálogo, e a epifania é anunciada pela boca do novo pai.

E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena

O *Auto de Natal* fica completo com o nascimento do menino. O percurso de Severino, mesmo sendo cercado pela morte, termina com a vida que insiste em florescer em meio à tanta miséria e morte.

*Morte e Vida Severina*, o texto mais popular de João Cabral de Melo Neto, é um auto de natal do folclore pernambucano e, também, da tradição ibérica. Foi escrito entre 1954-55.

Naquela ocasião, Maria Clara Machado, que dirigia o teatro Tablado, no Rio, pedira que João Cabral escrevesse algo sobre retirantes. O poeta escreveu, então, um grupo de poemas dramáticos, para “serem lidos em voz alta” e os dedicou a Rubem Braga e Fernando Sabino, “que tiveram a idéia deste repertório”.

*Morte e Vida Severina* tem como subtítulo *Auto de Natal pernambucano* e tem inspiração nos autos pastoris medievais ibéricos, além de espelhar-se na cultura popular nordestina.

É por esse motivo que, no poema, João Cabral usa preferencialmente o verso heptassilábico, a chamada «medida velha», ou redondilho maior, verso sonoro e facilmente obtido.

*Morte e Vida Severina* estruturalmente está dividida em 18 partes; no entanto, outra divisão muito nítida pode ser feita quanto à temática: da parte 1 a 9, compreende-se o périplo de Severino até o Recife, seguindo sempre o rio Capibaribe, ou o “fio da vida” que ele se dispõe a seguir, mesmo quando o rio lhe falta e dele só encontra a leve marca no chão crestado pelo sol. Da parte 10 a 18, o retirante está no Recife ou em seus arredores e sofredamente sabe que para ele não há nenhuma saída, a não ser aquela que presenciou no percurso: a morte.

Sua linha narrativa segue dois movimentos que aparecem no título: “morte” e “vida”. No primeiro, temos o trajeto de Severino, personagem-protagonista, para Recife, em face da opressão econômico-social, Severino tem a força coletiva de uma personagem típica: representa o retirante nordestino. No segundo movimento, o da “vida”, o autor não coloca a euforia da ressurreição da vida dos autos tradicionais, ao contrário, o otimismo que aí ocorre é de confiança no homem, em sua capacidade de resolver os problemas sociais.

O auto de natal *Morte e Vida Severina* possui estrutura dramática: é uma peça de teatro. Severino, personagem, se transforma em adjetivo, referindo-se à vida severina, à condição severina, à miséria.

O retirante vem do sertão para o litoral, seguindo a trilha do rio Capibaribe. Quando atinge o Recife, depois de encontrar muitas mortes pelo caminho, desengana-se com o sonho da cidade grande e do mar.

Resolve então “saltar fora da ponte e da vida”, atirando-se no Capibaribe. Enquanto se prepara para morrer e conversa com seu José, uma mulher anuncia que o filho deste “saltou para dentro da vida” (nasceu).

Severino assiste ao auto de natal (encenação comemorativa do nascimento). Seu José, mestre carpina, tenta demover Severino da resolução de “saltar fora da ponte e da vida”.

## Texto na íntegra e comentários

### O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E QUE VAI

— O meu nome é Severino,  
como não tenho outro de pia.  
Como há muitos Severinos,  
que é santo de romaria,  
deram então de me chamar  
Severino de Maria;  
como há muitos Severinos  
com mães chamadas Maria,  
fiquei sendo o da Maria  
do finado Zacarias.  
Mas isso ainda diz pouco:  
há muitos na freguesia,  
por causa de um coronel  
que se chamou Zacarias  
e que foi o mais antigo  
senhor desta sesmaria.  
Como então dizer quem fala  
ora a Vossas Senhorias?  
Vejam: é o Severino  
da Maria do Zacarias,  
lá da serra da Costela,  
limites da Paraíba.  
Mas isso ainda diz pouco:  
se ao menos mais cinco havia  
com nome de Severino  
filhos de tantas Marias  
mulheres de outros tantos,  
já finados, Zacarias,  
vivendo na mesma serra  
magra e ossuda em que eu vivia.  
Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas,  
e iguais também porque o sangue  
que usamos tem pouca tinta.  
E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).  
Somos muitos Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
algum roçado da cinza.

Neste trecho, Severino retirante se apresenta às pessoas e tenta, quando mais possa, logo de início individualizar-se. Para tanto, usa referências pessoais, de sobrenomes e nomes e geográficas. Inútil, ele é apenas um igual a tantos outros Severinos e, desse modo, difícil é desidentificar-se de maneira a distanciar-se deles, os seus iguais em sofrimento, dor, busca, no mesmo espaço geográfico da secura, fome, miséria e ignorância.

A partir do 31º verso, no entanto, sua fala deixa de ser individualizada. Ao observar que «somos muitos Severinos/iguais em tudo na vida:/na mesma cabeça grande/que a custo é que se equilibra...» o retirante funde sua saga à saga dos outros nordestinos, junta-se a eles no destino da retirada, da busca de saídas, da procura, pobreza, sofrimentos e sonhos. E, corajosamente se anuncia:

Mas, para que me conheçam  
melhor Vossas Senhorias  
e melhor possam seguir  
a história de minha vida,  
passo a ser o Severino  
que em vossa presença emigra.

### ENCONTRA DOIS HOMENS CARREGANDO UM DEFUNTO NUMA REDE, AOS GRITOS DE “Ó IRMÃOS DAS ALMAS! IR- MÃOS DAS ALMAS! NÃO FUI EU QUE MATEI NÃO!”

— A quem estais carregando,  
irmãos das almas,  
embrulhado nessa rede?  
dizei que eu saiba.  
— A um defunto de nada,  
irmão das almas,  
que há muitas horas viaja  
à sua morada.  
— E sabeis quem era ele,  
irmãos das almas,  
sabeis como ele se chama  
ou se chamava?  
— Severino Lavrador,  
irmão das almas,  
Severino Lavrador,  
mas já não lavra.  
— E de onde que o estais trazendo,  
irmãos das almas,  
onde foi que começou  
vossa jornada?  
— Onde a Caatinga é mais seca,  
irmão das almas,  
onde uma terra que não dá  
nem planta brava.  
— E foi morrida essa morte,  
irmãos das almas,  
essa foi morte morrida  
ou foi matada?  
— Até que não foi morrida,  
irmão das almas,  
esta foi morte matada,  
numa emboscada.  
— E o que guardava a emboscada,

irmão das almas,  
e com que foi que o mataram,  
com faca ou bala?  
— Este foi morto de bala,  
irmão das almas,  
mais garantido é de bala,  
mais longe vara.  
— E quem foi que o emboscou,  
irmãos das almas,  
quem contra ele soltou  
essa ave-bala?  
— Ali é difícil dizer,  
irmão das almas,  
sempre há uma bala voando  
desocupada.  
— E o que havia ele feito,  
irmãos das almas,  
e o que havia ele feito  
contra a tal pássara?  
— Ter um hectares de terra,  
irmão das almas,  
de pedra e areia lavada  
que cultivava.  
— Mas que roças que ele tinha,  
irmãos das almas,  
que podia ele plantar  
na pedra avara?  
— Nos magros lábios de areia,  
irmão das almas,  
os intervalos das pedras,  
plantava palha.  
— E era grande sua lavoura,  
irmãos das almas,  
lavoura de muitas covas,  
tão cobiçada?  
— Tinha somente dez quadros,  
irmão das almas,  
todas nos ombros da serra,  
nenhuma várzea.  
— Mas então por que o mataram,  
irmãos das almas,  
mas então por que o mataram  
com espingarda?  
— Queria mais espalhar-se,  
irmão das almas,  
queria voar mais livre  
essa ave-bala.  
— E agora o que passará,  
irmãos das almas,  
o que é que acontecerá  
contra a espingarda?  
— Mais campo tem para soltar,  
irmão das almas,  
tem mais onde fazer voar  
as filhas-bala.  
— E onde o levais a enterrar,  
irmãos das almas,  
com a semente de chumbo  
que tem guardada?  
— Ao cemitério de Torres,

irmão das almas,  
que hoje se diz Toritama,  
de madrugada.  
— E poderei ajudar,  
irmãos das almas?  
vou passar por Toritama,  
é minha estrada.  
— Bem que poderá ajudar,  
irmão das almas,  
é irmão das almas quem ouve  
nossa chamada.  
— E um de nós pode voltar,  
irmão das almas,  
pode voltar daqui mesmo  
para sua casa.  
— Vou eu, que a viagem é longa,  
irmãos das almas,  
é muito longa a viagem  
e a serra é alta.  
— Mais sorte tem o defunto,  
irmãos das almas,  
pois já não fará na volta  
a caminhada.  
— Toritama não cai longe,  
irmão das almas,  
seremos no campo santo  
de madrugada.  
— Partamos enquanto é noite,  
irmão das almas,  
que é o melhor lençol dos mortos  
noite fechada.

Neste trecho Severino inicia o caminho e encontra dois homens que carregam um defunto numa rede. São os “irmãos das almas”, comuns no sertão nordestino: a eles cabe, gratuitamente, lavar e vestir o defunto, velar e, posteriormente enterrá-lo em lugar digno.

O defunto é Severino Lavrador “mas já não lavra” e os “irmãos das almas” o estão trazendo da caatinga, morto à bala, numa emboscada. Inquieto, Severino pergunta o porquê da morte. E fica sabendo que o mataram por questão de terra.

Esse é apenas o primeiro dos muitos Severinos que encontrará na viagem.

#### O RETIRANTE TEM MEDO DE SE EXTRAVIAR PORQUE SEU GUIA, O RIO CAPIBARIBE, CORTOU COM O VERÃO

— Antes de sair de casa  
aprendi a ladainha  
das vilas que vou passar  
na minha longa descida.  
Sei que há muitas vilas grandes,  
cidades que elas são ditas;  
sei que há simples arruados,  
sei que há vilas pequeninas,  
todas formando um rosário  
cujas contas fossem vilas,  
todas formando um rosário  
de que a estrada fosse a linha.  
Devo rezar tal rosário  
até o mar onde termina,

saltando de conta em conta,  
passando de vila em vila.  
Vejo agora: não é fácil  
seguir essa ladainha;  
entre uma conta e outra conta,  
entre uma a outra ave-maria,  
há certas paragens brancas,  
de planta e bicho vazias,  
vazias até de donos,  
e onde o pé se descaminha.  
Não desejo emaranhar  
o fio de minha linha  
nem que se enrede no pêlo  
hirsuto desta caatinga.  
Pensei que seguindo o rio  
eu jamais me perderia:  
ele é o caminho mais certo,  
de todos o melhor guia.  
Mas como segui-lo agora  
que interrompeu a descida?  
Vejo que o Capibaribe,  
como os rios lá de cima,  
é tão pobre que nem sempre  
pode cumprir sua sina  
e no verão também corta,  
com pernas que não caminham.  
Tenho de saber agora  
qual a verdadeira via  
entre essas que escancaradas  
frente a mim se multiplicam.  
Mas não vejo almas aqui,  
nem almas mortas nem vivas;  
ouço somente à distância  
o que parece cantoria.  
Será novena de santo,  
será algum mês-de-Maria;  
quem sabe até se uma festa  
ou uma dança não seria?

No percurso que reinicia, Severino tem medo de perder-se porque o rio foi “cortado” pelo Verão, já não há indícios nele, quase: “Mas como segui-lo agora/que interrompeu a descida?” Verifique que no trecho aparecem com frequência as palavras “fio”, “linha” e “rosário”, o que nos remete ao mito grego das três Parcas, donas absolutas da vida humana, elas tecem o fio da existência, medem-no e, por fim, o cortam quando queiram.

Perdido e atônito, Severino ouve ao longe uma cantoria. É outro Severino que encontra. E, mais uma vez, encontra-o sob o signo da morte que permeia a sua vida.

NA CASA A QUE O RETIRANTE CHEGA ESTÃO CANTANDO EXCELÊNCIAS PARA UM DEFUNTO, ENQUANTO UM HOMEM, DO LADO DE FORA, VAI PARODIANDO AS PALAVRAS DOS CANTADORES

— *Finado Severino, quando passares em Jordão e o demônios te atalharem perguntando o que é que levas...*  
— *Dize que levas cera, capuz e cordão mais a Virgem da Conceição.*  
— *Finado Severino, etc. ...*  
— *Dize que levas somente coisas de não: fome, sede, privação.*

— *Finado Severino, etc. ...*  
— Dize que coisas de não, ocas, leves: como o caixão, que ainda deves.  
— *Uma excelência dizendo que a hora é hora.*  
— *Ajunta os carregadores que o corpo quer ir embora.*  
— *Duas excelências...*  
— ... dizendo é a hora da plantação.  
— *Ajunta os carregadores...*  
— ... que a terra vai colher a mão.

A cantoria se resume em cantar as “excelências” do defunto. Excelências quer dizer “qualidades”. Cantando, os sertanejos recomendam o defunto para que quando ele atravessasse o Jordão possa e seja cercado pelos demônios possa dizer o que leva da vida. É sempre pouca coisa: capuz, cordão, a Virgem, fome, sede, privação.

É interessante notar, no entanto, que a morte é sempre compartilhada. O camponês nunca está sozinho quando morre, outras pessoas, solidariamente, tomam conta dele, compartilham o momento.

CANSADO DA VIAGEM O RETIRANTE PENSA INTERROMPÊ-LA POR UNS INSTANTES E PROCURAR TRABALHO ALI ONDE SE ENCONTRA.

— Desde que estou retirando só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva; só a morte tem encontrado quem pensava encontrar vida, e o pouco que não foi morte foi de vida severina (aquela vida que é menos vivida que defendida, e é ainda mais severina para o homem que retira). Penso agora: mas porque parar aqui eu não podia e como o Capibaribe interromper minha linha? ao menos até que as águas de uma próxima invernia me levem direto ao mar ao refazer sua rotina? Na verdade, por uns tempos, parar aqui eu bem podia e retomar a viagem quando vencesse a fadiga. Ou será que aqui cortando agora minha descida já não poderei seguir nunca mais em minha vida? (será que a água destes poços é toda aqui consumida pelas roças, pelos bichos, pelo sol com suas línguas? será que quando chegar o rio da nova invernia

um resto de água no antigo  
sobrará nos poços ainda?)  
Mas isso depois verei:  
tempo há para que decida;  
primeiro é preciso achar  
um trabalho de que viva.  
Vejo uma mulher na janela,  
ali, que se não é rica,  
parece remediada  
ou dona de sua vida:  
vou saber se de trabalho  
poderá me dar notícia.

Severino, por um tempo, pensa em parar a viagem porque “só a morte vejo ativa”; pensa em procurar trabalho onde se encontra. Veja a comparação, já nos versos finais entre “vida” e “linha”; e note que o verbo “cortar”- também se faz presente: é outro remetimento ao mito das três Parcas.

Parar, procurar trabalho... note aqui que o retirante não deseja emigrar, deixar a terra de origem. Ele vê uma mulher na janela e pensa em pedir a ela notícias sobre um trabalho qualquer.

#### DIRIGE-SE À MULHER NA JANELA QUE DEPOIS DESCOBRE TRATAR-SE DE QUEM SE SABERÁ

— Muito bom dia, senhora,  
que nessa janela está;  
sabe dizer se é possível  
algum trabalho encontrar?  
— Trabalho aqui nunca falta  
a quem sabe trabalhar;  
o que fazia o compadre  
na sua terra de lá?  
— Pois fui sempre lavrador,  
lavrador de terra má;  
não há espécie de terra  
que eu não possa cultivar.  
— Isso aqui de nada adianta,  
pouco existe o que lavar;  
mas diga-me, retirante,  
que mais fazia por lá?  
— Também lá na minha terra  
de terra mesmo pouco há;  
mas até a calva da pedra  
sinto-me capaz de arar.  
— Também de pouco adianta,  
nem pedra há aqui que amassar;  
diga-me ainda, compadre,  
que mais fazia por lá?  
— Conheço todas as roças  
que nesta chã podem dar:  
o algodão, a mamona,  
a pita, o milho, o caroá.  
— Esses roçados o banco  
já não quer financiar;  
mas diga-me, retirante,  
o que mais fazia lá?  
— Melhor do que eu ninguém  
sei combater, quiçá,

tanta planta de rapina  
que tenho visto por cá.  
— Essas plantas de rapina  
são tudo o que a terra dá;  
diga-me ainda, compadre;  
que mais fazia por lá?  
— Tirei mandioca de chãs  
que o vento vive a esfolar  
e de outras escalavradas  
pela seca faça solar.  
— Isto aqui não é Vitória  
nem é Glória do Goitá;  
e além da terra, me diga,  
que mais sabe trabalhar?  
— Sei também tratar de gado,  
entre urtigas pastorear:  
gado de comer do chão  
ou de comer ramas no ar.  
— Aqui não é Surubim  
nem Limoeiro, oxalá!  
mas diga-me, retirante,  
que mais fazia por lá?  
— Em qualquer das cinco tachas  
de um banguê sei cozinhar;  
sei cuidar de uma moenda,  
de uma casa de purgar.  
— Com a vinda das usinas  
há poucos engenhos já;  
nada mais o retirante  
aprendeu a fazer lá?  
— Ali ninguém aprendeu  
outro ofício, ou aprenderá:  
mas o sol, de sol a sol,  
bem se aprende a suportar.  
— Mas isso então será tudo  
em que sabe trabalhar?  
vamos, diga, retirante,  
outras coisas saberá.  
— Deseja mesmo saber  
o que eu fazia por lá?  
comer quando havia o quê  
e, havendo ou não, trabalhar.  
— Essa vida por aqui  
é coisa familiar;  
mas diga-me retirante,  
sabe benditos rezar?  
sabe cantar excelências,  
defuntos encomendar?  
sabe tirar ladainhas,  
sabe mortos enterrar?  
— Já velei muitos defuntos,  
na serra é coisa vulgar;  
mas nunca aprendi as rezas,  
sei somente acompanhar.  
— Pois se o compadre soubesse  
rezar ou mesmo cantar,  
trabalhávamos a meias,  
que a freguesia bem dá.  
— Agora se me permite  
minha vez de perguntar:  
como senhora, comadre,

pode manter o seu lar?  
— Vou explicar rapidamente, logo compreenderá: como aqui a morte é tanta, vivo de a morte ajudar.  
— E ainda se me permite que volte a perguntar: é aqui uma profissão trabalho tão singular?  
— É, sim, uma profissão, e a melhor de quantas há: sou de toda a região rezadora titular.  
— E ainda se me permite mais outra vez indagar: é boa essa profissão em que a comadre ora está?  
— De um raio de muitas léguas vem gente aqui me chamar; a verdade é que não pude queixar-me ainda de azar.  
— E se pela última vez me permite perguntar: não existe outro trabalho para mim nesse lugar?  
— Como aqui a morte é tanta, só é possível trabalhar nessas profissões que fazem da morte ofício ou bazar. Imagine que outra gente de profissão similar, farmacêuticos, coveiros, doutor de anel no anular, remando contra a corrente da gente que baixa ao mar, retirantes às avessas, sobem do mar para cá. Só os roçados da morte compensam aqui cultivar, e cultivá-los é fácil: simples questão de plantar; não se precisa de limpa, de adubar nem de regar; as estiagens e as pragas fazem-nos mais prosperar; e dão lucro imediato; nem é preciso esperar pela colheita: recebe-se na hora mesma de semear.

O retirante dirige-se à mulher da janela, dando-lhe bom dia e perguntando se há trabalho por ali; curiosa, ela lhe pergunta que tipo de trabalho ele fazia “por lá”. Severino diz que foi sempre lavrador de “terra má”. A mulher vai fazendo perguntas, ao que ele responde o que sabe fazer: arar até a “calva da pedra”, plantar mamona, algodão, pita, milho e caroá... A mulher diz aqueles roçados o banco nem quer mais financiar. Ele anuncia que sabe tratar de gado e cuidar das casas de purgar, o que não interessa à mulher.

Mas há uma resposta magnífica que Severino dá a ela, por fim:

*“deseja mesmo saber  
o que eu fazia por lá?  
Comer quando havia o quê  
e, havendo ou não, trabalhar.”*

A mulher, então, informa-lhe que ali só há trabalho para os ofícios que envolvam a morte: benditos e laidinhas para rezar, cantar as excelências de um defunto. E se apresenta como “rezadora titular” da região.. Só há trabalho ali nos «roçados da morte», que dão lucros imediatos, na hora de semear, ou seja, quando «se planta”no chão o defunto.

O RETIRANTE CHEGA À ZONA DA MATA, QUE O FAZ PENSAR, OUTRA VEZ, EM INTERROMPER A VIAGEM

— Bem me diziam que a terra se faz mais branda e macia quando mais do litoral a viagem se aproxima. Agora afinal cheguei nesta terra que diziam. Como ela é uma terra doce para os pés e para a vista. Os rios que correm aqui têm a água vitalícia. Cacimbas por todo lado; cavando o chão, água mina. Vejo agora que é verdade o que pensei ser mentira. Quem sabe se nesta terra não plantarei minha sina? Não tenho medo de terra (cavei pedra toda a vida), e para quem lutou a braço contra a piçarra da Caatinga será fácil amansar esta aqui, tão feminina. Mas não avisto ninguém, só folhas de cana fina; somente ali à distância aquele bueiro de usina; somente naquela várzea um banguê velho em ruína. Por onde andaré a gente que tantas canas cultiva? Feriando: que nesta terra tão fácil, tão doce e rica, não é preciso trabalhar todas as horas do dia, os dias todos do mês, os meses todos da vida. Decerto a gente daqui jamais envelhece aos trinta nem sabe da morte em vida, vida em morte, severina; e aquele cemitério ali, branco na verde colina, decerto pouco funciona e poucas covas aninha.

Severino chega à Zona da Mata e se espanta porque *Os rios que correm aqui/têm a água vitalícia*. E vê a Usina. Apesar de tanta riqueza, quase não vê gente e pressupõe que todos estejam “feriando”. Imagina Severino que ali tudo seja fácil, “decerto a gente daqui/jamais envelhece aos trinta”... Engana-se: o lugar está vazio porque as usinas prescindem dos homens, tudo é mecânico, nada requer o trabalho braçal de gente igual a ele.

Prossegue Severino o seu caminho.

#### ASSISTE AO ENTERRO DE UM TRABALHADOR DE EITO E OUVES O QUE DIZEM DO MORTO OS AMIGOS QUE O LEVARAM AO CEMITÉRIO

— Essa cova em que estás,  
com palmos medida,  
é a cota menor  
que tiraste em vida.  
— É de bom tamanho,  
nem largo nem fundo,  
é a parte que te cabe  
deste latifúndio.  
— Não é cova grande,  
é cova medida,  
é a terra que querias  
ver dividida.  
— É uma cova grande  
para teu pouco defunto,  
mas estarás mais ancho  
que estavas no mundo.  
— É uma cova grande  
para teu defunto parco,  
porém mais que no mundo  
te sentirás largo.  
— É uma cova grande  
para tua carne pouca,  
mas a terra dada  
não se abre a boca.  
— Viverás, e para sempre,  
na terra que aqui aforas:  
e terás enfim tua roça.  
— Aí ficarás para sempre,  
livre do sol e da chuva,  
criando tuas saúvas.  
— Agora trabalharás  
só para ti, não a meias,  
como antes em terra alheia.  
— Trabalharás uma terra  
da qual, além de senhor,  
serás homem de eito e trator.  
— Trabalhando nessa terra,  
tu sozinho tudo empreitas:  
serás semente, adubo, colheita.  
— Trabalharás numa terra  
que também te abriga e te veste:  
embora com o brim do Nordeste.  
— Será de terra tua derradeira camisa:  
te veste, como nunca em vida.  
— Será de terra e tua melhor camisa:  
te veste e ninguém cobiça.  
— Terás de terra

completo agora o teu fato:  
e pela primeira vez, sapato.  
— Como és homem,  
a terra te dará chapéu:  
fosses mulher, xale ou véu.  
— Tua roupa melhor  
será de terra e não de fazenda:  
não se rasga nem se remenda.  
— Tua roupa melhor  
e te ficará bem cingida:  
como roupa feita à medida.  
— Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu teu suor vendido).  
— Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu o moço antigo).  
— Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu tua força de marido).  
— Desse chão és bem conhecido  
(através de parentes e amigos).  
— Desse chão és bem conhecido  
(vive com tua mulher, teus filhos).  
— Desse chão és bem conhecido  
(te espera de recém-nascido).  
— Não tens mais força contigo:  
deixa-te semear ao comprido.  
— Já não levas semente viva:  
teu corpo é a própria maniva.  
— Não levas rebolo de cana:  
és o rebolo, e não de caiana.  
— Não levas semente na mão:  
és agora o próprio grão.  
— Já não tens força na perna:  
deixa-te semear na coveta.  
— Já não tens força na mão:  
deixa-te semear no leirão.  
— Dentro da rede não vinha nada,  
só tua espiga debulhada.  
— Dentro da rede vinha tudo,  
só tua espiga no sabugo.  
— Dentro da rede coisa vasqueira,  
só a maçaroca banguela.  
— Dentro da rede coisa pouca,  
tua vida que deu sem soca.  
— Na mão direita um rosário,  
milho negro e ressecado.  
— Na mão direita somente  
o rosário, seca semente.  
— Na mão direita, de cinza,  
o rosário, semente maninha.  
— Na mão direita o rosário,  
semente inerte e sem salto.  
— Despido vieste no caixão,  
despido também se enterra o grão.  
— De tanto te despiu a privação  
que escapou de teu peito a viração.  
— Tanta coisa despiste em vida  
que fugiu de teu peito a brisa.  
— E agora, se abre o chão e te abriga,  
lençol que não tiveste em vida.  
— Se abre o chão e te fecha,  
dando-te agora cama e coberta.  
— Se abre o chão e te envolve,  
como mulher com quem se dorme.

Este trecho é o mais conhecido da peça de João Cabral, é a parte mais terrível do auto. Lá está outro Severino morto, levado pelos amigos ao cemitério. Cada um deles canta uma parte da despedida. Há aqui a mais lúcida condenação do poeta: os latifúndios matam o homem que se dispõe a lutar pela terra. E os consomem como “espigas debulhadas”, roendo-lhes as forças, a mocidade, a fibra de trabalhador.

Esse Severino tem agora a *cova em palmos medida*, lugar onde cabe e se aninha o que antes queria a sua parte na terra.

Todos os amigos questionam a maneira como os patrões tratam seus empregados, explorando-lhes a força de trabalho, pagando-lhes uma ninharia.

É o momento mais dramático do poema de João Cabral e detalha bem a vida do nordestino camponês, lavrador de terra sempre má porque explorado por seus patrões metonimicamente representados pelo latifúndio.

#### O RETIRANTE RESOLVE APRESSAR OS PASSOS PARA CHEGAR LOGO AO RECIFE

— Nunca esperei muita coisa,  
digo a Vossas Senhorias.  
O que me fez retirar  
não foi a grande cobiça;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida  
de tal velhice que chega  
antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
se alcancei lá tal medida,  
o que pensei, retirando,  
foi estendê-la um pouco ainda.  
Mas não senti diferença  
entre o Agreste e a Caatinga,  
e entre a Caatinga e aqui a Mata  
a diferença é a mais mínima.  
Está apenas em que a terra  
é por aqui mais macia;  
está apenas no pavio,  
ou melhor, na lamparina:  
pois é igual o querosene  
que em toda parte ilumina,  
e quer nesta terra gorda  
quer na serra, de caliça,  
a vida arde sempre, com  
a mesma chama mortíça.  
Agora é que compreendo  
porque em paragens tão ricas  
o rio não corta em poços  
como ele faz na Caatinga:  
vivi a fugir dos remansos  
a que a paisagem o convida,  
com medo de se deter  
grande que seja a fadiga.  
Sim, o melhor é apressar  
o fim desta ladainha,  
o fim do rosário de nomes  
que a linha do rio enfia;

é chegar logo ao Recife,  
derradeira ave-maria  
do rosário, derradeira  
invocação da ladainha,  
Recife, onde o rio some  
e esta minha viagem se fina.

De novo, aqui, as palavras “rio”, “fio” e “linha” podem ser observadas. Os advérbios “aqui” (Zona da mata) e “lá” (sertão) se contrapõem, Severino chega ao Recife e anuncia que sua viagem acabou. Ele veio como o rio em busca do mar, porque o Recife sempre foi a porta pela qual os nordestinos deixavam sua região.

#### CHEGANDO AO RECIFE, O RETIRANTE SENTA-SE PARA DESCANSAR AO PÉ DE UM MURO ALTO E CAIADO E OUVE, SEM SER NOTADO, A CONVERSA DE DOIS COVEIROS

— O dia de hoje está difícil;  
não sei onde vamos parar.  
Deviam dar um aumento,  
ao menos aos deste setor de cá.  
As avenidas do centro são melhores,  
mas são para os protegidos:  
há sempre menos trabalho  
e gorjetas pelo serviço;  
e é mais numeroso o pessoal  
(toma mais tempo enterrar os ricos).  
— Pois eu me daria por contente  
se me mandassem para cá.  
Se trabalhasses no de Casa Amarela  
não estarias a reclamar.  
De trabalhar no de Santo Amaro  
deve alegrar-se o colega  
porque parece que a gente  
que se enterra no de Casa Amarela  
está decidida a mudar-se  
toda para debaixo da terra.  
— É que o colega ainda não viu  
o movimento: não é o que se vê.  
Fique-se por aí um momento  
e não tardarão a aparecer  
os defuntos que ainda hoje  
vão chegar (ou partir, não sei).  
As avenidas do centro,  
onde se enterram os ricos,  
são como o porto do mar:  
não é muito ali o serviço:  
no máximo um transatlântico  
chega ali cada dia,  
com muita pompa, protocolo,  
e ainda mais cenografia.  
Mas este setor de cá  
é como a estação dos trens:  
diversas vezes por dia  
chega o comboio de alguém.  
— Mas se teu setor é comparado  
à estação central dos trens,  
o que dizer de Casa Amarela  
onde não pára o vaivém?  
Pode ser uma estação

mas não estação de trem:  
será parada de ônibus,  
com filas de mais de cem.  
— Então por que não pedes,  
já que és de carreira, e antigo,  
que te mandem para Santo Amaro  
se achas mais leve o serviço?  
Não creio que te mandassem  
para as belas avenidas  
onde estão os endereços  
e o bairro da gente fina:  
isto é, para o bairro dos usineiros,  
dos políticos, dos banqueiros,  
e no tempo antigo, dos banguzeiros  
(hoje estes se enterram em carneiros);  
bairro também dos industriais,  
dos membros das associações patronais  
e dos que foram mais horizontais  
nas profissões liberais.  
Difícil é que consigas  
aquele bairro, logo de saída.  
— Só pedi que me mandassem  
para as urbanizações discretas,  
com seus quarteirões apertados,  
com suas cômodas de pedra.  
— Esse é o bairro dos funcionários,  
inclusive extranumerários,  
contratados e mensalistas  
(menos os tarefeiros e diaristas).  
Para lá vão os jornalistas,  
os escritores, os artistas;  
ali vão também os bancários,  
as altas patentes dos comerciários,  
os lojistas, os boticários,  
os localizados aeroviários  
e os de profissões liberais  
que não se liberaram jamais.  
— Também um bairro dessa gente  
temos no de Casa Amarela:  
cada um em seu escaninho,  
cada um em sua gaveta,  
com o nome aberto na lousa  
quase sempre em letras pretas.  
Raras as letras douradas,  
raras também as gorjetas.  
— Gorjetas aqui, também,  
só dá mesmo a gente rica,  
em cujo bairro não se pode  
trabalhar em mangas de camisa;  
onde se exige quépi  
e farda engomada e limpa.  
— Mas não foi pelas gorjetas,  
não, que vim pedir remoção:  
é porque tem menos trabalho  
que quero vir para Santo Amaro;  
aqui ao menos há mais gente  
para atender a freguesia,  
para botar a caixa cheia  
dentro da caixa vazia.  
— E que disse o Administrador,

se é que te deu ouvido?  
— Que quando apareça a ocasião  
atenderá meu pedido.  
— E do senhor Administrador  
isso foi tudo que arrancaste?  
— No de Casa Amarela me deixou  
mas me mudou de arrabalde.  
— E onde vais trabalhar agora,  
qual o subúrbio que te cabe?  
— Passo para o dos industriários,  
que é também o dos ferroviários,  
de todos os rodoviários  
e praças-de-pré dos comerciários.  
— Passas para o dos operários,  
deixas o dos pobres vários;  
melhor: não são tão contagiosos  
e são muito menos numerosos.  
— É, deixo o subúrbio dos indigentes  
onde se enterra toda essa gente  
que o rio afoga na preamar  
e sufoca na baixa-mar.  
— É a gente sem instituto,  
gente de braços devolutos;  
são os que jamais usam luto  
e se enterram sem salvo-conduto.  
— É a gente dos enterros gratuitos  
e dos defuntos ininterruptos.  
— É a gente retirante  
que vem do Sertão de longe.  
— Desenrolam todo o barbante  
e chegam aqui na jante.  
— E que então, ao chegar,  
não têm mais o que esperar.  
— Não podem continuar  
pois têm pela frente o mar.  
— Não têm onde trabalhar  
e muito menos onde morar.  
— E da maneira em que está  
não vão ter onde se enterrar.  
— Eu também, antigamente,  
fui do subúrbio dos indigentes,  
e uma coisa notei  
que jamais entenderei:  
essa gente do Sertão  
que desce para o litoral, sem razão,  
fica vivendo no meio da lama,  
comendo os siris que apanha;  
pois bem: quando sua morte chega,  
temos que enterrá-los em terra seca.  
— Na verdade, seria mais rápido  
e também muito mais barato  
que os sacudissem de qualquer ponte  
dentro do rio e da morte.  
— O rio daria a mortalha  
e até um macio caixão de água;  
e também o acompanhamento  
que levaria com passo lento  
o defunto ao enterro final  
a ser feito no mar de sal.  
— E não precisava dinheiro,

e não precisava coveiro,  
e não precisava oração  
e não precisava inscrição.  
— Mas o que se vê não é isso:  
é sempre nosso serviço  
crescendo mais cada dia;  
morre gente que nem vivia.  
— E esse povo lá de riba  
de Pernambuco, da Paraíba,  
que vem buscar no Recife  
poder morrer de velhice,  
encontra só, aqui chegando  
cemitérios esperando.  
— Não é viagem o que fazem,  
vindo por essas caatingas, vargens;  
aí está o seu erro:  
vêm é seguindo seu próprio enterro.

Cansado da viagem, Severino senta-se rente ao muro de um cemitério e ouve a conversa entre dois coveiros. Eles falam de morte, o que permeia esta jornada severina, e impressionam o retirante a veemência de suas falas ríspidas que anunciam diferenças entre enterrar ricos e pobres.

Para o cemitério de Santo Antônio vão os homens como jornalistas, escritores, artistas e os de profissão liberal; para os da Casa Amarela, onde agora Severino está, vão os miseráveis de toda a sorte, “gente dos enterros gratuitos”.

Um dos coveiros comenta que o rio Capibaribe devia dar-lhes uma mortalha macia, sem que precisassem de dinheiro ou coveiro e assusta o retirante ao anunciar que quando vêm da caatinga, “Vêm seguindo o próprio enterro.”

#### O RETIRANTE APROXIMA-SE DE UM DOS CAIS DO CAPIBARIBE

— Nunca esperei muita coisa,  
é preciso que eu repita.  
Sabia que no rosário  
de cidade e de vilas,  
e mesmo aqui no Recife  
ao acabar minha descida,  
não seria diferente  
a vida de cada dia:  
que sempre pás e enxadas  
foices de corte e capina,  
ferros de cova, estrovangas  
o meu braço esperariam.  
Mas que se este não mudasse  
seu uso de toda vida,  
esperei, devo dizer,  
que ao menos aumentaria  
na quartinha, a água pouca,  
dentro da cuia, a farinha,  
o algodãozinho da camisa,  
ao meu aluguel com a vida.  
E chegando, aprendo que,  
nessa viagem que eu fazia,  
sem saber desde o Sertão,  
meu próprio enterro eu seguia.  
Só que devo ter chegado

adiantado de uns dias;  
o enterro espera na porta:  
o morto ainda está com vida.  
A solução é apressar  
a morte a que se decida  
e pedir a este rio,  
que vem também lá de cima,  
que me faça aquele enterro  
que o coveiro descrevia:  
caixão macio de lama,  
mortalha macia e líquida,  
coroas de baronesa  
junto com flores de aninga,  
e aquele acompanhamento  
de água que sempre desfila  
(que o rio, aqui no Recife,  
não seca, vai toda a vida).

Esta parte é um lamento com a quebra das expectativas de Severino. O que ele deseja é pouca coisa: um trabalho, água, farinha, algodãozinho da camisa, dinheiro pro aluguel. Sonhos de um homem simples que se desmancharam ao saber que viera seguindo o próprio enterro e que sua vida está por um triz. Imagina que tenha chegado adiantado uns dias, apenas.

#### APROXIMA-SE DO RETIRANTE O MORADOR DE UM DOS MOCAMBOS QUE EXISTEM ENTRE O CAIS E A ÁGUA DO RIO

— Seu José, mestre carpina,  
que habita este lamaçal,  
sabes me dizer se o rio  
a esta altura dá vau?  
sabe me dizer se é funda  
esta água grossa e carnal?  
— Severino, retirante,  
jamais o cruzei a nado;  
quando a maré está cheia  
vejo passar muitos barcos,  
barcaças, alvarengas,  
muitas de grande calado.  
— Seu José, mestre carpina,  
para cobrir corpo de homem  
não é preciso muito água:  
basta que chega ao abdome,  
basta que tenha fundura  
igual à de sua fome.  
— Severino, retirante,  
pois não sei o que lhe conte;  
sempre que cruzo este rio  
costumo tomar a ponte;  
quanto ao vazio do estômago,  
se cruza quando se come.  
— Seu José, mestre carpina,  
e quando ponte não há?  
quando os vazios da fome  
não se tem com que cruzar?  
quando esses rios sem água  
são grandes braços de mar?  
— Severino, retirante,  
o meu amigo é bem moço;  
sei que a miséria é mar largo,

não é como qualquer poço:  
mas sei que para cruzá-la  
vale bem qualquer esforço.  
— Seu José, mestre carpina,  
e quando é fundo o perau?  
quando a força que morreu  
nem tem onde se enterrar,  
por que ao puxão das águas  
não é melhor se entregar?  
— Severino, retirante,  
o mar de nossa conversa  
precisa ser combatido,  
sempre, de qualquer maneira,  
porque senão ele alaga  
e devasta a terra inteira.  
— Seu José, mestre carpina,  
e em que nos faz diferença  
que como frieira se alastre,  
ou como rio na cheia,  
se acabamos naufragados  
num braço do mar miséria?  
— Severino, retirante,  
muita diferença faz  
entre lutar com as mãos  
e abandoná-las para trás,  
porque ao menos esse mar  
não pode adiantar-se mais.  
— Seu José, mestre carpina,  
e que diferença faz  
que esse oceano vazio  
cresça ou não seus cabedais,  
se nenhuma ponte mesmo  
é de vencê-lo capaz?  
— Seu José, mestre carpina,  
que lhe pergunte permita:  
há muito no lamaçal  
apodrece a sua vida?  
e a vida que tem vivido  
foi sempre comprada à vista?  
— Severino, retirante,  
sou de Nazaré da Mata,  
mas tanto lá como aqui  
jamais me fiaram nada:  
a vida de cada dia  
cada dia hei de comprá-la.  
— Seu José, mestre carpina,  
e que interesse, me diga,  
há nessa vida a retalho  
que é cada dia adquirida?  
espera poder um dia  
comprá-la em grandes partidas?  
— Severino, retirante,  
não sei bem o que lhe diga:  
não é que espere comprar  
em grosso tais partidas,  
mas o que compro a retalho  
é, de qualquer forma, vida.  
— Seu José, mestre carpina,  
que diferença faria  
se em vez de continuar  
tomasse a melhor saída:  
a de saltar, numa noite,  
fora da ponte e da vida?

Esse também é um momento dramático e terrível do auto: Severino encontra-se com seu José, mestre carpina. Não é preciso dizer com quem, alegoricamente, ele se encontrou... Morando nos alagados, nas casas palafitadas, mocambos do Recife, seu José é interrogado pelo retirante.

A metáfora “saltar da ponte e da vida”, renunciar à existência, não surpreende o homem que ouve a conversa do retirante a lhe perguntar sobre o rio, também metafóricamente aí significando a própria existência, com suas águas fundas e lodosas. É um diálogo figurado, intenso. A “vida de retalho”, pequena e medida.

Mas os dois são surpreendidos por uma notícia.

#### UMA MULHER, DA PORTA DE ONDE SAIU O HOMEM, ANUNCIA-LHE O QUE SE VERÁ

— Compadre José, compadre,  
que na relva estais deitado:  
conversais e não sabeis  
que vosso filho é chegado?  
Estais aí conversando  
em vossa prosa entretida:  
não sabeis que vosso filho  
saltou para dentro da vida?  
Saltou para dentro da vida  
ao dar o primeiro grito;  
e estais aí conversando;  
pois sabeis que ele é nascido.  
A mulher anuncia o nascimento do filho do carpinteiro.

E você já sabe o que esta representação significa: o nascimento de outro Severino, aproximado, o auto, dos modelos pastoris das peças medievais. É, metaforicamente, o nascimento de Jesus, em meio à pobreza. O subtítulo do poema se explica agora: *auto de Natal pernambucano*.

#### APARECEM E SE APROXIMAM DA CASA DO HOMEM VIZINHOS, AMIGOS, DUAS CIGANAS ETC.

— Todo o céu e a terra  
lhe cantam louvor.  
Foi por ele que a maré  
esta noite não baixou.  
— Foi por ele que a maré  
fez parar o seu motor:  
a lama ficou coberta  
e o mau-cheiro não voou.  
— E a alfazema do sargaço,  
ácida, desinfetante,  
veio varrer nossas ruas  
enviada do mar distante.  
— E a língua seca de esponja  
que tem o vento terral  
veio enxugar a umidade  
do encharcado lamaçal.  
— Todo o céu e a terra  
lhe cantam louvor  
e cada casa se torna  
num mocambo sedutor.

— Cada casebre se torna  
no mocambo modelar  
que tanto celebram os  
sociólogos do lugar.  
— E a banda de maruins  
que toda noite se ouvia  
por causa dele, esta noite,  
creio que não irradiava.  
— E este rio de água cega,  
ou baça, de comer terra,  
que jamais espelha o céu,  
hoje enfeitou-se de estrelas.

Aproximam-se todos para louvar o menino recém-nascido, tal como os reis magos. E vão saudá-lo dentro da pobreza, como ela lhes permitir.

#### COMEÇAM A CHEGAR PESSOAS TRAZENDO PRESENTES PARA O RECÉM-NASCIDO

— Minha pobreza tal é  
que não trago presente grande:  
trago para a mãe caranguejos  
pescados por esses mangues;  
mamando leite de lama  
conservará nosso sangue.  
— Minha pobreza tal é  
que coisa não posso ofertar:  
somente o leite que tenho  
para meu filho amamentar;  
aqui são todos irmãos,  
de leite, de lama, de ar.  
— Minha pobreza tal é  
que não tenho presente melhor:  
trago papel de jornal  
para lhe servir de cobertor;  
cobrindo-se assim de letras  
vai um dia ser doutor.  
— Minha pobreza tal é  
que não tenho presente caro:  
como não posso trazer  
um olho d'água de Lagoa do Carro,  
trago aqui água de Olinda,  
água da bica do Rosário.  
— Minha pobreza tal é  
que grande coisa não trago:  
trago este canário da terra  
que canta corrido e de estalo.  
— Minha pobreza tal é  
que minha oferta não é rica:  
trago daquela bolacha d'água  
que só em Paudalho se fabrica.  
— Minha pobreza tal é  
que melhor presente não tem:  
dou este boneco de barro  
de Severino de Tracunhaém.  
— Minha pobreza tal é  
que pouco tenho o que dar:  
dou da pitu que o pintor Monteiro  
fabricava em Gravatá.  
— Trago abacaxi de Goiana  
e de todo o Estado rolete de cana.

— Eis ostras chegadas agora,  
apanhadas no cais da Aurora.  
— Eis tamarindos da Jaqueira  
e jaca da Tamarineira.  
— Mangabas do Cajueiro  
e caju da Mangabeira.  
— Peixe pescado no Passarinho,  
carne de boi dos Peixinhos.  
— Siris apanhados no lamaçal  
que há no avesso da rua Imperial.  
— Mangas compradas nos quintais ricos  
do Espinheiro e dos Aflitos.  
— Goiamuns dados pela gente pobre  
da Avenida Sul e da Avenida Norte.

Cada um entrega ao menino o que tem de mais precioso: caranguejos, leite, água, um canário da terra, bolacha d'água, boneco de barro, abacaxi, tamarindos, jacas, mangabas e caju. Ainda: siris, mangas e goiamuns.

São as ofertas dos homens simples, que tiram de si mesmos os melhores presentes para saudar a vida que começa. Outra vez a solidariedade é posta à palma, mostrada e demonstrada, largamente exercida por todos.

#### FALAM AS DUAS CIGANAS QUE HAVIAM APARECIDO COM OS VIZINHOS

— Atenção peço, senhores,  
para esta breve leitura:  
somos ciganas do Egito,  
lemos a sorte futura.  
Vou dizer todas as coisas  
que desde já posso ver  
na vida desse menino  
acabado de nascer:  
aprenderá a engatinhar  
por aí, com aratus,  
aprenderá a caminhar  
na lama, como goiamuns,  
e a correr o ensinarão  
o anfíbios caranguejos,  
pelo que será anfíbio  
como a gente daqui mesmo.  
Cedo aprenderá a caçar:  
primeiro, com as galinhas,  
que é catando pelo chão  
tudo o que cheira a comida;  
depois, aprenderá com  
outras espécies de bichos:  
com os porcos nos monturos,  
com os cachorros no lixo.  
Vejo-o, uns anos mais tarde,  
na ilha do Maruim,  
vestido negro de lama,  
voltar de pescar siris;  
e vejo-o, ainda maior,  
pelo imenso lamarão  
fazendo dos dedos iscas  
para pescar camarão.  
— Atenção peço, senhores,  
também para minha leitura:  
também venho dos Egíptos,

vou completar a figura.  
Outras coisas que estou vendo  
é necessário que eu diga:  
não ficará a pescar  
de jereré toda a vida.  
Minha amiga se esqueceu  
de dizer todas as linhas;  
não pensem que a vida dele  
há de ser sempre daninha.  
Enxergo daqui a planura  
que é a vida do homem de ofício,  
bem mais sadia que os mangues,  
tenha embora precipícios.  
Não o vejo dentro dos mangues,  
vejo-o dentro de uma fábrica:  
se está negro não é lama,  
é graxa de sua máquina,  
coisa mais limpa que a lama  
do pescador de maré  
que vemos aqui, vestido  
de lama da cara ao pé.  
E mais: para que não pensem  
que em sua vida tudo é triste,  
vejo coisa que o trabalho  
talvez até lhe conquiste:  
que é mudar-se destes mangues  
daqui do Capibaribe  
para um mocambo melhor  
nos mangues do Beberibe.

As ciganas prevêem o futuro do menino, uma boa e a outra má. Uma delas, a má, dá ao menino a leitura de um destino trágico: *será pobre, fazendo dos dedos iscas/ para pescar camarão*, para sempre atrelado ao lamarão dos mocambos; mas a cigana boa prediz-lhe um futuro melhor, porque o que vê não é lama que o envolva, “mas graxa” de alguma fábrica, o que equivale a dizer que ele ascenderá socialmente.

FALAM OS VIZINHOS, AMIGOS, PESSOAS QUE VIERAM COM PRESENTES ETC.

— De sua formosura  
já venho dizer:  
é um menino magro,  
de muito peso não é,  
mas tem o peso de homem,  
de obra de ventre de mulher.  
— De sua formosura  
deixai-me que diga:  
é uma criança pálida,  
é uma criança franzina,  
mas tem a marca de homem,  
marca de humana oficina.  
— Sua formosura  
deixai-me que cante:  
é um menino guenzo  
como todos os desses mangues,  
mas a máquina de homem  
já bate nele, incessante.  
— Sua formosura  
eis aqui descrita:  
é uma criança pequena,  
enclenque e setemesinha,  
mas as mãos que criam coisas  
nas suas já se adivinha.

— De sua formosura  
deixai-me que diga:  
é belo como o coqueiro  
que vence a areia marinha.  
— De sua formosura  
deixai-me que diga:  
belo como o avelós  
contra o Agreste de cinza.  
— De sua formosura  
deixai-me que diga:  
belo como a palmatória  
na caatinga sem saliva.  
— De sua formosura  
deixai-me que diga:  
é tão belo como um sim  
numa sala negativa.  
— É tão belo como a soca  
que o canavial multiplica.  
— Belo porque é uma porta  
abrindo-se em mais saídas.  
— Belo como a última onda  
que o fim do mar sempre adia.  
— É tão belo como as ondas  
em sua adição infinita.  
— Belo porque tem do novo  
a surpresa e a alegria.  
— Belo como a coisa nova  
na prateleira até então vazia.  
— Como qualquer coisa nova  
inaugurando o seu dia.  
— Ou como o caderno novo  
quando a gente o principia.  
— E belo porque com o novo  
todo o velho contagia.  
— Belo porque corrompe  
com sangue novo a anemia.  
— Infecciona a miséria  
com vida nova e sadia.  
— Com oásis, o deserto,  
com ventos, a calmaria.

O menino é saudado pelos vizinhos, amigos. Todos trazem presentes e o comparam às coisas boas da vida. Embora ele seja um menino magro, “tem peso de homem”; criança franzina é, mas “tem a marca de homem”. E é belo como tudo que os cerca. De todos os versos, ressaltam-se:

*“belo como uma coisa nova/ na prateleira até então vazia”*

*“Belo como um caderno novo/quando a gente principia.”*

Metáforas das necessidades fundamentais do homem: o alimento e a educação.

O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR PARTE EM NADA

— Severino retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar

fora da ponte e da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga;  
é difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva.  
E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina.

Terminada a festa, seu José mestre carpina vem falar com Severino. O diálogo final é de uma beleza rara: o que vale a vida, mesmo que ela seja como a do menino? Como a de Severino?

### Reflexão crítica

Um bom texto literário tem um importante papel de trazer para o leitor refletir sua realidade social, e de certo modo, fazer com que haja um posicionamento social. Através do poeta João Cabral de Melo Neto, em sua obra *Morte e Vida Severina*, é possível verificar uma valorização da figura do nordestino, como um sujeito sofredor. *Morte e Vida Severina* retrata a típica realidade do Pernambucano que foge da seca em busca do Recife e acaba morando numa favela ribeirinha. —Severino, o emigrante que sai da caatinga em busca de uma vida melhor no litoral, é o estereótipo do nordestino oprimido pela seca, pela fome e pela exclusão social. Embora o sendo, nunca perde a valorização da vida, a começar pelo título da obra, que logo, já nos remete essa ideia e que segundo a teoria de Freud, acredita-se que há duas pulsões que exercem no indivíduo: a de morte; e a de vida.

Na obra percebe-se que embora diante da seca, o sujeito caminha para a morte, há em contraposição, a outra pulsão; que a remete literalmente para a vida. A questão da pulsão de morte faz parte do segundo dualismo pulsional proposto e encontra-se em oposição às pulsões do ego ou da (autoconservação) que constituem as chamadas pulsões de vida ou de Eros. Este último é mais um dentro de muitos termos retirados da filosofia, poesia e mitologia, utilizados por Freud para designar e representar algum conceito. Na psicanálise, designa o conjunto das pulsões de vida que têm uma tendência a constituir e conservar unidades cada vez maiores, com o objetivo de preservar a existência do organismo. A pulsão

de morte propriamente dita visa à redução completa dessas tendências e tensões, a um (re) conduzir o ser vivo para um 2019 estado inorgânico, que seria a forma mais primitiva do ser: o estado inanimado. Freud afirma que as formas primitivas de vida não teriam em si mesmas, desejo de mudar, então elas simplesmente permaneceriam repetindo o mesmo curso de vida, caso nenhuma exigência externa viesse a modificar esse quadro. Então, se “tudo o que vive morrer por causas internas, logo o objetivo de toda vida é a morte” (p. 56). Assim, a função das pulsões de vida seria o de garantir, ou descobrir caminhos, para que o organismo siga sua rota até a meta final da vida sem ser interrompido por causas externas, podendo retornar ao estado inorgânico à sua própria maneira: “o que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo” (p. 57).

É interessante notar a incansável insistência de qualquer pulsão, mesmo que reprimida, para alcançar a satisfação representativa de alguma experiência primária que foi prazerosa. É muito claro dentro do pensamento freudiano a exigência dualista proposta no caso das pulsões e o conflito interno que essas duas tensões exercem num indivíduo. João Cabral de Melo Neto propõe uma reflexão da realidade social brasileira. Neste sentido, pesquisar sua obra (*Morte e Vida Severina*) implica em abordar também aspectos políticos e culturais da região do Nordeste. A cultura Nordestina destaca-se pelo seu povo, que mesmo diante da morte, busca a todo o momento a vida. Portanto, analisar esta obra a partir da visão freudiana permite uma compreensão psíquica dos sofrimentos e esperanças de um retirante que convive com a sua realidade. A morte é usada para conscientizar o leitor acerca dos problemas sociais brasileiros, especificamente dos 2020 nordestinos. Ao ler a obra por inteira, concluímos que a todo tempo Severino, o personagem retirante, é seguido, com uma pulsão, ou, talvez com seu próprio destino; a morte.

A situação conflituosa já nos apresenta no início do poema, quando Severino encontra dificuldades para diferenciar-se dos outros tantos Severinos, filhos de tantas outras Marias, que, além de possuírem o mesmo nome e biotipo, são também marcados pela mesma sina da seca, oprimidos pela mesma realidade e fadados à mesma vida (e morte). Severino não consegue estabelecer sua individualidade e seu nome passa a designar todo e qualquer retirante que foge da seca. São todos severinos com as mesmas origens e com o mesmo destino. Não há, portanto, para quem vive uma vida severina, condições para estabelecer uma identidade particular.

Todos os sertanejos vão se tornando severinos, isto é, adquirindo a mesma atitude de alheamento diante da realidade, impotência diante da vida e impassividade diante da morte. 2026 A vida e a morte representam início e fim, ou só fazem parte de um ciclo inacabado. Cremos que João Cabral a partir desta tensão consegue retratar o quanto as amarguras e o quadro de opressão da vida sertaneja podem desumanizar e despersonalizar o homem do sertão. Contudo, quando a esperança parece finalmente sucumbir ante esta seqüência de decepções, mais um contraste se apresenta: surge uma vida, que encerra em si um otimismo latente. É a renovação do ciclo. Quando tudo parece perdido, nasce mais uma vida Severina que passará pelas mesmas severinidades do Nordeste, que terá as mesmas esperanças e sofrerá as mesmas desilusões.